Viagens com
Pedro Abrunhosa

Amigo de longa data da Cap Magellan, Pedro Abrunhosa participou em vários concertos organizados pela associação nos anos 90. Em 2011, fez parte da programação da primeira edição da Gala de Comemoração da República portuguesa no Hôtel de Ville de Paris, organizada pela Cap Magellan, aceitando o desafio de cantar... comigo ! ;-)

No âmbito do seu concerto do 16 de janeiro de 2015 no Olympia, o Pedro respondeu às nossas perguntas.

Cap Magellan: Reeditaste em 2014 o disco "Viagens", vinte anos depois da sua estreia, que te abriu as portas desta profissão. Como é o Pedro Abrunhosa, vinte anos depois?

Pedro Abrunhosa: Primeiro, estou mais velho! (risos) Em segundo, também estou mais maduro. Em terceiro, mais sábio e mais experiente, mais preocupado com a minha própria música. Foram vinte anos que trouxeram muita experiência através de muitas viagens, muita busca e algumas realizações pessoais também. Com também muita estrada, já antes do disco "Viagens" sair.

« Sinto pela comunidade portuguesa mais do que empatia. Sinto-me como vocês, transporto a modernidade de Portugal com as raízes de Portugal »

CM: Vais iniciar a nova tua digressão 2015 "Inteiro" com o concerto no Olympia, sala mítica de Paris, no próximo dia 16 de Janeiro. Nunca te cansas de andar pela estrada?

PA: Nunca, porque é o meu trabalho, faz parte da minha vida. Passamos cerca de um ano em estúdio e esse ano tem a sua compensação na estrada. Temos sempre duas fases distintas : a primeira de completa reclusão, de concentração no trabalho, e a segunda de festa, de celebração, na estrada e com o público. Pois "quem corre por gosto não cansa"!

CM: Falas perfeitamente francês e pareces ter uma ligação especial com esta língua e com este país. Paris inspira-te ?

PA: A França em geral é para mim uma referência no que diz respeito à literatura, ao cinema, à música. Foi dos primeiros países que visitei com os meus pais durante a minha infância, mas também depois sozinho, quando tinha uns treze anos. Relativamente a Paris, tenho uma ligação muito antiga porque tenho muitos amigos a viver em Paris. Sou verdadeiramente francófilo. Até à metade do século xx, em Portugal, a França era um a referência. Agora, isso perdeu-se, o modelo de referência em Portugal é mais anglófono. E isso é uma das grandes perdas do nosso país.

CM : A quand un disque en français ?

PA : Oh! (risos) Talvez isso fosse possível se eu tivesse a parceria certa para escrever em francês com a mesma naturalidade. Eu escrevo e sonho em português. Foneticamente, a minha música adapta-se bem ao francês, porque tem o mesmo estilo da música do Gainsbourg. O francês também é uma língua brutal para fazer rap, hip-hop, rock... Por isso, talvez um dia! Já tínhamos traduzido uma canção em francês e não resultou, porque era preciso pensar em francês, criar em francês e não se limitar a traduzir.

CM: Escreveste uma canção sobre a imigração, chamada "Para os braços da minha mãe", em dueto com Camané. Tu, que andaste tanto tempo a viajar fora do país, como te sentes em relação aos Portugueses que vivem no estrangeiro ?

PA: Quando andei pelo mundo, tinha eu apenas treze anos, senti na pele o que era estar longe do país. A sensação da distância é uma sensação que eu sinto. Sou um eterno emigrante. Por esse motivo, tenho muita admiração pelas pessoas que vão para longe, que deixam a terra, os amigos, a família, as paredes, a língua, à procura de uma vida

melhor... É das atitudes de vida pelas quais eu mais admiração tenho. Sinto pela comunidade portuguesa mais do que empatia. Sinto-me como vocês, transporto a modernidade de Portugal com as raízes de Portugal. Aliás, quando fiz o concerto no Zenith promovido pela Cap Magellan há alguns anos atrás, tinha feito um discurso para quem se revê culturalmente no país que o acolhe, mas que humanamente se revê ainda mais na sua terra.

CM: Escreves e compões canções para ti, mas também escreves e compões para os outros (cf "Falo Alado", Ana Moura). O que preferes?

PA: Sinceramente, prefiro escrever para mim. A minha música não é fácil de cantar... e tu deves saber disso (risos). Escrevo para o instrumento que tenho, para a minha voz, que é um pouco especial. Quando escrevo para os outros, concentro-me sobre eles (Carminho, Caetano Veloso, Camané...). Isso requer algumas condições : tenho que gostar muito deles, ser próximo deles e admirá-los, senão não consigo. Fico então a pensar no instrumento fonético deles, e sei que depois de escrita, a canção vai soar muito melhor do que eu imaginei.

« A minha vida é a minha obra. Cada pessoa é aquilo que faz, não o que diz »

CM: Há alguma canção que te dá mais orgulho?

PA: Tenho muito orgulho na canção "Para os braços da minha mãe". Mas mais do que nas canções que escrevo, tenho muito orgulho de continuar a ter essa energia criativa. O processo criativo faz-se na solidão, não nos aviões, não nos hotéis... Criar torna-se cansativo: está-se continuamente a reinventar mundos, universos, enquanto que as palavras portuguesas são sempre as mesmas, tanto como as dozes notas da escala.

CM: Além de cantor, és uma figura intelectual reconhecida em Portugal. És regularmente convidado a participar em colóquios e debates. Achas que isso também faz parte do teu papel de artista, de figura pública ?

PA: Não é um papel de artista. A minha vida é a minha obra. Cada pessoa é aquilo que faz, não o que diz. Quando as pessoas me convidam para debates e seminários, é porque elas gostam do que eu faço. Participando, tenho dado mais importância à profundidade da arte, da música, da vida, do pensar. Quando sou convidado a uma escola para debater, vou lá pensar alto com os alunos. Não me sinto minimamente na obrigação de o fazer. Também é uma forma de pensar o país. Aos humanos, foram dados o sonho, a fala e o pensar. Portanto, é muito importante a nossa capacidade de comunicar. É fundamental para mim, porque 99% das vezes comunico com música. Por estes outros meios, tenho aprendido muita coisa.

CM: Ainda há projetos, objectivos por alcançar ?

PA: Ainda está tudo por fazer! (risos) Tenho a sensação de estar sempre a começar! Gostaria de fazer mais concertos. Não sou nada saudosista, nem me lembro do que fiz no passado... Em cada entrevista que faço, obrigo-me a relembrar-me, o que é um esforço! Antes de mais, interessa-me o futuro, o que ainda vou fazer. Os livros que ainda não li por exemplo... Há tantos que ainda não li. Pois, os que já li, já li!

Um sincero obrigado ao nosso amigo Pedro Abrunhosa, pela disponibilidade e boa disposição com a qual nos recebe sempre! Lá estaremos então, dia 16 de janeiro na linda sala do Olympia em Paris, para o receber da melhor forma. Marquem a data ;-)

Anna Martins
capmag@capmagellan.org
Créditos fotos: Leonel Balteiro